

## Problematizações das sexualidades no espaço escolar: pensando a sua dimensão erótica

Cynthia Alves Falchi<sup>1</sup>

UNESP - campus Marília

**Resumo:** Temos uma temática específica: sexualidades. As abordamos no espaço escolar. Questionamos: qual o caminho que a educação percorre durante o processo educacional de um sujeito? Tal caminho, em muitas instituições de ensino, é denominado *formação*. Almejamos demonstrar que a trajetória para uma aprendizagem não necessariamente deva apropriar-se de moldes formais de ensino.

Existe um caminho para *estudarmos* sexualidades durante o processo educacional de sujeitos? *Estudo* de sexualidades é o melhor termo a ser utilizado neste contexto? Diferenciamos *Ars erotica* de *Scientia sexualis* para produção de verdade. A partir dos sujeitos que a *Scientia sexualis* produz, questionaremos o *cuidado de si* como fonte retrocessa de vivência no interior do exercício pedagógico, como transformadora e transfiguradora de si para consigo.

**Palavras-chaves:** Sexualidades; Formação; Cuidado de Si; Foucault.

---

<sup>1</sup> UNESP- Universidade Estadual Paulista – campus Marília / Mestrado Educação – Filosofia da educação. E-mail: cynthia.falchi@marilia.unesp.br.

*Problematizações das sexualidades no espaço escolar:  
pensando a sua dimensão erótica*

Foucault trabalha, em *História da Sexualidade I*, destacando a construção de sexualidades periféricas, que ficam a margem do ideal heterossexual. Esclarece a presença de um discurso heteronormativo trazido a nós como científico-médico apoiado em atos sexuais que foram classificados como normais/anormais. Assim, o discurso sobre a sexualidade começa a ser pautado tendo como contraponto as sexualidades periféricas, com o objetivo de estabelecer identidades sexuais específicas e classificatórias.

Ao invés de identidades sexuais, buscamos a Erótica a partir da *transformação de si*, busca pela verdade a partir desta. Posicionamento este em *Alcibíades* de Platão, descrito por Foucault. No denominado *momento cartesiano*, haverá a ruptura e ascensão do conhecimento do objeto como verdade.<sup>2</sup> Após discussão acerca das posturas distintas de formação dos sujeitos em busca da “verdade”, Foucault coloca: “[...] a noção de conhecimento do objeto vem substituir a noção de acesso à verdade.” (2010, p.173).

Esta é uma das vertentes que podemos seguir a respeito das construções das sexualidades. A nosso ver, esta é a vertente que mais se aplica para as formações de sujeitos das sexualidades no âmbito escolar. E dizemos isto, justamente neste momento em que as sexualidades têm angariado espaços de discussão nos diversos nichos sociais. Apesar desses espaços já existirem de maneira mais pontual e ordenada, os mesmos, em grande medida, compactuam com os regulamentos científicos apontados a partir de uma regularidade heteronormativa compulsória.

Neste sentido, vemos que as sexualidades, no âmbito escolar, ainda perpassam pelas dúvidas do que é certo/errado, e que, portanto, há um certo a seguir ou buscar. Este está vinculado também a um julgamento moral que se esconde e se entrelaça numa dinâmica científica, portanto, a um objeto específico. Esta postura vincula-se a valores da cultura onde esta “norma” se faz presente, atrelada, portanto, à heteronormatividade.

Um primeiro problema seria o de indivíduos se tornarem sujeitos a uma sexualidade a partir de um modelo pré-existente do que vem a ser o correto ou normal. Um segundo problema adviria desse posicionamento ao nos utilizarmos desse modelo para pensar a sujeição de várias outras especificidades sexuais distintas do modelo predominante. Diante disto, como discutir o tema da sexualidade, transversalmente ou não, nas escolas, sem cair na armadilha de uma ou de outra forma de subjetivação?

Ao falarmos de sexualidade, lembramos do binômio homem e mulher, e não de indivíduos, ou mesmo sujeitos, mas únicos, com formação de desejos distintos, com prazeres e assimilações contraditórios.

Não parece mais um grande continente de normalidade cercado por pequenas ilhas de distúrbios. Em vez disso, podemos agora presenciar uma grande quantidade de ilhas, grandes e pequenas...Surgiram novas categorias e minorias eróticas. Aquelas mais antigas experimentaram um processo de subdivisão como preferências especiais, atitudes específicas, e as necessidades tornaram-se a base para a proliferação de identidades sexuais. (GIDDENS, 1993, p. 44).

Focamos a formação de sujeitos caracterizados a partir de suas sexualidades estereotipadas. Não significa que as identidades tenham como premissa as sexualidades.

---

<sup>2</sup> Estas mudanças estão assim colocadas nas primeiras aulas de Foucault-1982 na Hermenêutica do Sujeito, obra citada na bibliografia.

Esta é uma das características que podem ser ressaltadas quando não está de acordo com o modelo normativo.

Preferimos às sexualidades por analisarmos que a moral direcionada a elas, dentro do espaço escolar, na maioria das vezes está de comum acordo com os sujeitos que socialmente sofrem os preconceitos, alocando-os em alguns estereótipos e os apresentando como problema a ser solucionado nesta mesma instituição.

Para minimizarmos o impacto que as nomeadas *sexualidades periféricas* causaram e causam, notamos que o slogan do “respeito às diferenças” se coloca em circulação e se faz presente na escola, como também em vários outros espaços sociais. Porém, com relação a que essas diferenças foram estabelecidas? Até porque, para “ser diferente” é necessária uma comparação. Louro diz que: “diferenças, distinções, desigualdades... A escola entende disso. Na verdade, a escola produz isso” (1997, p.57).

É necessário um olhar para dentro da escola e, ao mesmo tempo, um olhar para os/a educadores/a que lá encontramos. Talvez não de maneira esquematizada hierarquicamente, como sabemos que a escola é instituída.

A escola brasileira<sup>3</sup> não foi criada, ou fundada, para todos/a. Ela priva por ser o diferencial: quem está dentro dela, ou fora. Neste sentido, ela sempre foi instrumento de classificação. Louro diz que “. . . serão sempre as condições históricas específicas que nos permitirão compreender melhor, em cada sociedade específica, as relações de poder que estão implicadas nos processos de submetimento dos sujeitos. (1997, p.53)”

A instituição escolar, do modo como está posta, também diferencia o que Carvalho denominou de *função-educador* e *função-educando*. Ele dirá, no entanto que:

Se o nome na função-educador reconduz a tipos de verdades, trabalhar com as formas em que elas podem se dar é inclinar-se para trabalhar na construção de uma nova subjetividade, posição do sujeito, naquilo que cada educador pode fazer. (2010, p.82-83)

Foucault em *História da sexualidade I* faz uma distinção entre dois procedimentos pretendentes à produção de verdade. A *Ars erótica*, compreendida a partir do prazer sexual recolhido e extraído da própria experiência de prazer. Neste procedimento há uma ligação necessária entre discípulo e mestre, sendo assim um procedimento que cultiva o ensinamento a partir da vivência, da experiência.

A *Ars erotica* podia ser encontrada em sociedades como China, Japão, Índia, Roma, nações árabes-muçulmanas. Nessas sociedades o prazer era conhecido “. . . segundo sua intensidade, sua qualidade específica, sua duração, suas reverberações no corpo e na alma” (FOUCAULT, 2005, p.57)

Este primeiro procedimento de produção da verdade do sexo é, portanto, uma “arte magistral”. Nesta arte há a necessidade de discricção para que, tanto sua eficácia como sua virtude, possam ser preservadas segundo a tradição. E, se este modo exotérico de iniciação tende a utilizar de um saber e severidade sem falhas, Foucault ressalta que

---

<sup>3</sup> Dizemos “escola brasileira” nos referindo exclusivamente ao processo educacional do Brasil, mas de uma maneira ampla, não em suas especificidades. Entendemos risco de assim o fazer, mas não temos, aqui, pretensão em estudar o processo histórico institucional escolar brasileiro.

*Problematizações das sexualidades no espaço escolar:  
pensando a sua dimensão erótica*

Os efeitos dessa arte magistral, bem mais generoso do que faria supor a aridez de suas receitas, devem transfigurar aquele sobre quem recaem seus privilégios: domínio absoluto do corpo, gozo excepcional, esquecimento do tempo e dos limites, elixir de longa vida, exílio da morte e de suas ameaças. (FOUCAULT, 2005, p.57)

Por *Scientia sexualis* deve-se entender um procedimento para a produção de verdade do sexo que utiliza tática de poder imanente de uma dada ordem de discurso, o que significa que a verdade do sexo aparece através do ritual do discurso. Este *ritual do discurso* é descrito por Foucault a partir do procedimento da confissão e de discursividade científica. Tal confissão passa por mudança de sentido utilitário

A própria evolução da palavra “confissão” e da função jurídica que designou já é característica: da “confissão”, garantia de *status*, de identidade e de valor atribuído por outrem, passou-se à “confissão” como reconhecimento, por alguém, de suas próprias ações ou pensamentos. O indivíduo, durante muito tempo, foi autenticado pela referência dos outros e pela manifestação de seu vínculo com outrem (família, proteção); posteriormente passou a ser autenticado pelo discurso de verdade que era capaz de (ou obrigado a) ter de si mesmo. (FOUCAULT, 2005, p. 58).

A confissão torna-se, portanto, um procedimento de individualização pelo poder. Poder de quem fala em conjunto com a verdade de quem ouve. Corpo e ciência transformam-se em uma ciência da confissão. O objeto nada mais é do que o inconfessável-confesso. Assim, Foucault dirá que “[...] emprega-se a maior exatidão para dizer o mais difícil de ser dito; [...], confissões impossíveis de se confiar a outrem, com o que produzem livros.” (FOUCAULT, 2005, p.59).

Como finalidade tem-se a moralização de atitudes e discursos, na tentativa de padronização universalizante, transmissão de valores, ética que tem por pretensão uma possibilidade afirmativa de como algo deve ocorrer. A verdade de quem ouve é autoritária, correta, e o vínculo estabelecido de moral é de juízos de padrões universais.

Ao creditarmos valor a um dado conhecimento no pressuposto das *Scientia sexualis*, escolhemos um caminho a seguir onde há predominância do conhecimento com fins iluministas, do que é certo/errado. Um esforço que Horkheimer traduzirá *estereótipo* como sendo um não exame dos atos lógicos, “assim que um pensamento ou palavra se torna um instrumento, podemos-nos dispensar de ‘pensar’ realmente isso, isto é, de examinar detidamente os atos lógicos envolvidos na formulação verbal desse pensamento ou palavra.” (HORKHEIMER, 1976, p.31) É por este procedimento individualizante a partir do poder da confissão que a discursividade científica faz-se visível.

Foucault questiona esta ordem perguntando: “E se fosse, ao contrário, o que se confessa de forma muito particular? E se a obrigação de escondê-lo fosse apenas um outro aspecto do dever de confessá-lo?” (FOUCAULT, 2005, p.60) Notamos a *inversão do discurso de verdade* que corrobora para a explicação das relações de poder foucaultianas.

A *Scientia sexualis*, com padrão normativo de conhecimento unilateral e exclusivista, permeia no cotidiano do sujeito e o regula a uma vida disposta nas medidas cabíveis aos processos de sujeição de suas nomenclaturas.

Será a possibilidade de contrapor ao discurso de verdade no qual se funda essa *Scientia sexualis* que abordaremos um outro denominado de *parrésia*, entendido como

. . . emersão de um tipo de relação específica entre a mestria e a formação, cuja função é a transformação do sujeito, pois numa relação de franco-falar há uma transformação do destino da verdade, uma modificação nas pretensões das terminações de forças arranjadas por uma verdade. (CARVALHO, 2010, p.96)

Na *parrésia* é possível admitir uma transformação do sujeito que ao trabalhar sobre si mesmo se depara, entre outras dimensões, com uma erótica que admite, compactua e está integrada a este franco-falar, na relação estabelecida com o outro. Ao mesmo tempo em que amado, o discípulo deve se tornar “amante do mestre de verdade e do ato amoroso de verdade.” (FIMIANI, 2004, p.113). Esta relação marca a elaboração e cumprimento do domínio e é neste sentido que Foucault acredita ser possível “[...] entender o amor ao mundo como saber de amor, um saber que sabe ao mesmo tempo que ama, um saber que implica o si, eu desvia e não pode ser reconduzido ao sistema de saberes.” (FIMIANI, 2004, p.117).

Em *A Hermenêutica do Sujeito* Foucault faz uma análise do diálogo de *Alcibíades* com *Sócrates* que nos aponta como *cuidado de si*. Quatro são os pontos que tem por pretensão o cuidado de si de seu discípulo, são estes: a vinculação do *cuidado de si* ao exercício de poder; a vinculação à insuficiência da educação de *Alcibíades*, como *déficit* pedagógico; o alerta para ocupar-se consigo no começo do período da fase adulta; a urgência em aperceber-se da ignorância que tem quanto ao seu objeto.

O *cuidado de si* é colocado na juventude, período em que está aprendendo a viver, preparando-se para a vida. O mestre, diz Foucault:

. . . é aquele que cuida do cuidado que o sujeito tem de si mesmo e que, no amor que tem pelo seu discípulo, encontra a possibilidade de cuidar do cuidado que o discípulo tem de si próprio. Amado o rapaz de forma desinteressada, ele é assim o princípio e o modelo do cuidado que o rapaz deve ter de si enquanto sujeito. (FOUCAULT, 2010, p.55)

O mestre não está na ordem de médicos, professores ou pais de família. O movimento atribuído ao “ocupar-se consigo mesmo” era destinado a ocupar-se com a justiça, esta que prevalece em três instâncias: a relação com a ação política; a questão da pedagogia; e a relação com a erótica dos rapazes. A relação com a ação política é explicitada pelo fato de *Alcibíades* querer governar os outros, já que “cuidar de si é um privilégio dos governantes ou, ao mesmo tempo, um dever dos governantes, porque eles têm que governar.” (FOUCAULT, 2010, p.69)

A questão da pedagogia é exposta na medida em que a mesma se mostra insuficiente, *deficitária*, na vida de *Alcibíades*, necessitando de um *cuidado de si* para o ingresso na vida adulta e cívica, para tornar-se cidadão e chefe. Em *História da Sexualidade II*, Foucault dirá que: “de modo geral, tudo o que servir para a educação política do homem enquanto cidadão lhe servirá também para exercitar a virtude e inversamente: os dois vão juntos.” (2007, p.71).

Interligado ao *déficit* pedagógico, a Erótica é exposta quando notamos que há também um *déficit* erótico, visto que os mestres que passaram pela vida de *Alcibíades*, apenas utilizam de sua beleza e juventude, mas não o amam verdadeiramente.

*Problematizações das sexualidades no espaço escolar:  
pensando a sua dimensão erótica*

É possível adentrar na discussão entre Filosofia e Psicagogia para elucidar a relação entre mestre e discípulo que culmina em um *cuidado de si*. Psicagogia se distingue de Pedagogia no modo de sua relação com o outro e finalidade. Diz Foucault

Se chamamos “pedagógica”, portanto, essa relação que consiste em dotar um sujeito qualquer de uma série de aptidões previamente definidas, podemos, creio, chamar “psicagógica” a transmissão de uma verdade que não tem por função dotar um sujeito qualquer de aptidões, etc., mas modificar o modo de ser do sujeito a quem nos endereçamos. (FOUCAULT, 2010, p.366)

Ao aderirmos a um processo de transformação do sujeito no espaço escolar, aludimos a um reencontro com a formação por meio de uma *arte da existência*<sup>4</sup>. Não a um modelo pré-estabelecido de *práticas de si*, mas a retomada do *não querer ser governado* de determinada forma, atitude tomada perante a crítica deste incômodo.

O processo de transformação vincula-se ao jogo de poder estabelecido na luta pela liberdade. Liberdade da escravidão ao outro assim como de ser escravo de si mesmo/a. Esta liberdade não está na ordem dos universais, pois “não se pode cuidar de si, por assim dizer, na ordem e na forma do universal” (FOUCAULT, 2010, p.106).

A instituição escolar trabalha a partir de dispositivos da sociedade disciplinar (de controle), assim como a pedagogia. Já a *psicagogia* lida com a ampliação de práticas de liberdade e de transformação de si. Questionamos: é possível instaurar um processo de *psicagogia* em uma instituição que tem o princípio disciplinar em seu *modus operadi*? Levando em consideração que nossa resposta prive por uma afirmação: seria a transversalidade uma maneira de adentrarmos a ampliação de práticas de liberdade e assim, concomitantemente, a transformações de si onde, tanto educadores/a quanto estudantes estariam envolvidos/a nesta relação?

Ao associarmos sexualidades nesta vivência, podemos nos aperceber da diferença existente no âmbito escolar do que hoje vemos serem as medidas tomadas para a inserção desta temática e a maneira como podemos repensar nossas posturas.

Não sugerimos, porém, que exista o método certo de se lidar com tal temática, mas que talvez a *transformação de si* possa ser uma das possibilidades de adentrar o tema não a partir exclusivamente da desta pedagogia, mas a partir de questionamentos das vivências pré-estabelecidas, assim como possibilidades de ampliarmos nossas práticas de liberdade.

---

<sup>4</sup> Trataremos com maior rigor o termo posteriormente. Por hora, cabe-nos entender que *arte da existência* está relacionada com o domínio de si que é determinado pelo cuidado de si. São as *tekhnai* as quais o indivíduo de desejo está vinculado, como conjunto de regras e valores. Não como comportamentos de valores adequados, na medida de serem seguidos ou aperfeiçoados como valores morais.

Falchi, C.A. (2011) Problematization of sexualities in schools: thinking its erotic dimension. *Revista de Psicologia da UNESP 10(2)*, 92-91.

**Abstract:** *We have a specific theme: sexuality. The approach in the school. Question: what is the way that education covers during the educational process of a subject? Such a course, in many educational institutions, is called training. We aim to demonstrate that the path to learning should not necessarily take ownership of the formal way of teaching. There is a way of studying sexuality in the process of educational subjects? Study of sexuality is the best term to use in this context? Differentiate Ars Scientia sexualis of erotica for the production of truth. From the subject that produces Scientia sexualis, question the care of oneself as a source of living setback within the educational exercise, such as transforming and transfiguring itself to you*

**Keywords:** *Sexuality; Training; Self Care; Foucault.*

### **Bibliografia**

CARVALHO, A.F de. **Foucault e a função-educador:** Sujeição e Experiências de Subjetividades Ativas na Formação Humana. Ijuí: Ed: Unijuí, 2010. (Coleção fronteiras da educação)

FIMIANI, M. “O verdadeiro amor e o cuidado comum com o mundo”. In: GROS, F. (org.). **Foucault:** e a coragem da verdade. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

FOUCAULT, M. **História da Sexualidade I:** a vontade de saber. Ed.16. Rio de Janeiro: Graal, 2005.

\_\_\_\_\_. [1984]**História da Sexualidade II:** o uso dos prazeres. Rio de Janeiro: edições Graal, 2007.

\_\_\_\_\_. **A Hermenêutica do Sujeito:** curso dado no Collège de France (1981-1982). Ed.3. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

GIDDENS, A. **A transformação da intimidade:** sexualidade, amor & erotismo nas sociedades modernas. São Paulo: Ed. Da UNESP, 1993.

*Problematizações das sexualidades no espaço escolar:  
pensando a sua dimensão erótica*

HORKHEIMER, M. Meios e Fins. In: **Eclipse da Razão**. Rio de Janeiro, Editorial Labor do Brasil, 1976.p.11-67.

LOURO, G. Gênero, sexualidade e educação: **uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

*Recebido: novembro de 2011.*

*Aprovado: março de 2011.*